

## O TEXTO REVESTIDO: A INDUMENTÁRIA COMO TRADUÇÃO DE IDENTIDADE GAUCHA EM TEXTOS LITERÁRIOS E HISTORIOGRÁFICOS DO SÉCULO XIX

JOANA BOSAK DE FIGUEIREDO\*

Segundo Norbert Elias, em “A Sociedade de Corte”, desde o reinado de Luis XIV, pelo menos, as roupas fazem parte da manutenção de certa ideia de Estado, pois que indicam o pertencimento a uma escala social específica. Não apenas na França, mas em diversos países do mundo ocidental a indumentária aponta o mesmo caminho: o da existência de um código proporcionado pelas vestes. A monumental obra de Auguste Racinet, produzida ainda no século XIX, comprova de que maneira os povos de toda superfície do globo terrestre se identificavam e ainda o fazem através das roupas que usam.

Roland Barthes, durante seus estudos nos anos 1960, chegou a refletir sobre a simbologia das roupas e da existência de um código específico do vestuário, que para ele tinha a função primordial da significação tanto semiótica quanto especificamente social. Segundo Barthes, a roupa era uma forma de texto, narrativa ou discurso, com funcionamento próprio, porém atrelado à época e ao local em que se inseria (BARTHES, 2005, 2009). Cabe aqui salientar que a discussão proposta por Barthes, mesmo que passível de revisão e mesmo de polêmica<sup>1</sup>, não deixa de convergir com algumas das discussões contemporâneas acerca da natureza da ciência história, entre textos, narrativas, memória, indícios e testemunhos.

Por outro lado, há vários anos a professora de literatura espanhola, Regina A. Root, da Universidade William and Mary, nos Estados Unidos, tem se dedicado ao estudo da indumentária e seu papel na construção de identidades sociais e políticas na Argentina do século XIX. Essa pesquisadora percebeu a existência de um material inusitado e rico visual e simbolicamente para a compreensão da construção identitária

---

<sup>1</sup> Como toda produção conceitual da área das ciências humanas o texto de maior fôlego na área aqui prevista de Roland Barthes, *O Sistema da Moda*, é um texto datado. Baseado no primado saussureano da Lingüística Estrutural, a obra prevê um discurso próprio das roupas dentro de um veículo específico: o das revistas de moda. Analisando através de um método particular as mensagens visuais das revistas femininas dos anos 1960, o francês procurou entender a roupa, antes de tudo, como veículo de significação.

de diversas facetas sociais num período realmente fundador da história platina - o imediatamente posterior às independências face à Espanha, a partir de 1810 -, as revistas de Moda e jornais do século XIX.

Regina Root pontua que:

*As roupas têm funções tão visíveis que se tornam facilmente descartáveis, trivializadas ou totalmente esquecidas. Mas o mesmo casaco que protege também distingue a classe social de alguém, assim como suas afinidades políticas. Na Argentina do século dezenove, vários escritores influentes usaram a trivialidade aparente da moda para importar ideais revolucionários, usando o que pareciam ser descrições inócuas de roupas e tendências de moda. Indo além do relato das inovações na indústria da moda e no detalhamento de novas peças de roupas, estes escritos imbuíram tudo, das pantalonas às anáguas, de um significado radical no espetáculo de uma esfera pública emergente. (ROOT, 2002, p. 89)*

Continuando sua análise sobre a identificação política através das roupas, Regina Root reitera que:

*Em nenhum momento da história da Argentina, o uso retórico da moda ganharia mais destaque do que durante o período seguinte a independência da Espanha. Nesse momento, o vestuário serviu para identificar membros de partidos opostos numa época em que o espectro político achava-se dividido em duas tendências, os unitários e os federalistas. Os unitários, guiados pela elite intelectual de Buenos Aires, contemplavam as instituições da Europa como modelo progressista e liberal para uma república argentina centralizada. Vestiam a última moda européia nas tonalidades azul e verde claro. Os federalistas, que se opunham aos unitários, muitos deles proprietários de terras fora de Buenos Aires e desejosos da autonomia de seus líderes locais, exibiam roupas carmesim. Os federalistas usavam bigodes e costeletas, enquanto que os unitários exibiam barba em forma de U para indicar seu apoio ao partido. (ROOT, 2002, pp. 89-90)*

Mais recentemente, em livro lançado nos Estados Unidos no ano de 2010, intitulado *Couture and Consensus – Fashion and Politics in Postcolonial Argentina*, Regina Root mantém sua abordagem voltada ao papel da indumentária - e outros textos “marginais” tal como músicas -, como expressão de opinião e comunicadora de posições políticas e sociais na Argentina do século XIX. Portanto, vê-se que a autora, mesmo após uma década de estudos continua encontrando fôlego na temática que aqui proponho introduzir.

Assim como a autora supracitada, a socióloga também norte-americana Diana Crane, professora emérita da Universidade da Pensilvânia, em *A Moda e seu papel social*, demonstra que para se estabelecer a identificação de classes, profissões, gêneros e identidades sociais de maneira geral, a roupa é uma ferramenta de primeira ordem. Em seu livro, resultado de um amplo esforço de pesquisa a fontes iconográficas e

demográficas do século XIX nos Estados Unidos, Inglaterra e França, ela demonstra como o vestuário chamado *reformador* ou *alternativo*, por exemplo, foi fundamental à história da construção da identidade das mulheres norte-americanas, que ao se vestirem de forma diferenciada se tornaram visíveis do ponto de vista social. A roupa, nesses casos, se tornou mais uma bandeira de luta para mulheres que buscavam espaço fora dos muros domésticos e das profissões tradicionalmente “femininas”.

Diana Crane observa que:

*O vestuário, sendo uma das formas mais visíveis de consumo, desempenha um papel da maior importância na construção social da identidade. A escolha do vestuário propicia um excelente campo para estudar como as pessoas interpretam determinada forma de cultura para seu próprio uso, forma essa que inclui normas rigorosas sobre a aparência que se considera apropriada num determinado período (que é conhecido como moda), bem como uma variedade de alternativas extraordinariamente ricas. Sendo uma das mais evidentes marcas de status social e gênero – útil, portanto, para manter ou subverter fronteiras simbólicas -, o vestuário constitui uma indicação de como as pessoas, em diferentes épocas, vêem sua posição nas estruturas sociais e negociam as fronteiras de status. Nos séculos anteriores, as roupas constituíam o principal meio de identificação do indivíduo no espaço público. Na Europa e nos Estados Unidos, de acordo com o período, vários aspectos da identidade expressavam-se através do vestuário, entre eles a ocupação, identidade regional, religião e classe social. Certos itens usados por todos, como chapéus, eram particularmente importantes, emitindo sinais imediatos sobre o status social atribuído ao indivíduo ou almejado por ele. As variações na escolha do vestuário constituem indicadores sutis de como são vivenciados os diferentes tipos de sociedade, assim como as diferentes posições dentro de uma mesma sociedade.” (CRANE, 2006, 21-22).*

Assim, queremos crer que a exemplo dos nossos vizinhos mais próximos – a Argentina, no caso dos estudos de Root – ou distantes – norte-americanos e europeus, na obra de Crane – a indumentária descrita e apresentada em jornais, fotos, livros e textos do século XIX no Rio da Prata foi também uma forma de resistência política e de significação de diversos estratos sociais, como sugerem Roland Barthes e mesmo a obra mais recente do sueco Lars Svendsen (2010), que pensa numa Filosofia da Moda.

### **As teorias da Moda**

Embora desde o século XIX mesmo estudos teorizando sobre a Moda tenham sido produzidos por sociólogos como o alemão Georg Simmel – *A Moda*, 1894 -, o estadunidense de ascendência norueguesa Thorstein Veblen, com a sua *Teoria das Classes Ociosas*, de 1895 e o francês Gabriel de Tarde – *As leis da imitação*, 1894 -, esse campo de estudos continuou relegado a um plano infinitamente secundário até bem

pouco tempo atrás. Até mesmo Thomas Carlyle, com seu *Sartor Resartus*, de 1833-34, se deteve de forma mais ou menos filosófica e, de fato, satírica sobre o tema.

Autores franceses do século XIX, como Gustave Flaubert, Honoré de Balzac, Charles Baudelaire e Stéphane Mallarmé priorizaram em suas escritas literárias e críticas a roupa como um fator essencial de compreensão da sociedade em que viviam. Os dois últimos chegaram mesmo a estabelecer estudos críticos sobre o papel da Moda em seu tempo e das modas como novidade e como fatores fundamentais ao advento da chamada Modernidade, perpassada em amplo espectro pela criação literária.

Baudelaire chega a sentenciar que

*A mulher é sem dúvida uma luz, um olhar, um convite a felicidade. Uma palavra às vezes, mas e principalmente uma harmonia geral, não somente em seu andar e no movimento de seus membros, mas também nas musselines, filós, nas vastas e cambiantes nuvens de tecido com que se envolve, e que são como pedestal de sua divindade, no metal e mineral que lhe serpenteiam os braços, o colo, que juntam suas fagulhas ao fogo de seu olhar, ou que sussurram docemente a seus ouvidos. Que poeta ousaria, na pintura do prazer causado pela aparição de uma beleza, separar a mulher de sua roupa?* (BAUDELAIRE, 2010, 69)

Para aprofundarem seus estudos e opiniões sobre esta questão, tais autores escreveram sobre o papel das roupas, tendo Mallarmé criado uma “gazette” intitulada *La Dernière Mode*, em circulação entre setembro e dezembro de 1874.

Se esses autores, ao estabelecerem em sua reflexão ainda no século XIX o papel que as roupas conferiam às *personas* que as vestiam, é porque perceberam as possibilidades de análise que nossa superfície mais palpável tornava visível de uma relação com o mundo exterior. De fato, principalmente no século XIX, o que se cobria e o que se descobria do corpo humano era identificador de uma dada ordem social e do pertencimento a uma classe ou mesmo a uma visão política. No caso feminino, por exemplo, o uso dos espartilhos e das anquinhas tornava as mulheres das classes ociosas ainda mais apáticas, na medida em que impossibilitavam quase que totalmente os seus movimentos corporais. Autoras mais recentes, como Isabel Allende, no início de *A Casa dos Espíritos*, dá uma pequena demonstração do poder da roupa sobre as identidades femininas do início do século XX na América do Sul:

*Uma barbatana do espartilho de Nívea quebrou-se, cravando-se-lhe uma ponta entre as costelas. Sentia-se sufocar dentro do vestido de veludo azul, com a gola de renda demasiado alta, as mangas muito estreitas, a cintura tão apertada que, quando tirava o cinto, passava uma boa meia hora com retorcidas de barriga até as tripas se acomodarem na sua posição normal.*

*Tinham discutido isso muitas vezes, ela e as amigas sufragistas, e haviam chegado à conclusão de que, enquanto as mulheres não encurtassem as saias e o cabelo e não despissem os saiotes, tudo ficava na mesma, mesmo que pudessem estudar medicina ou tivessem direito a voto, porque de modo algum teriam coragem de o fazer; ela própria não tinha coragem para ser das primeiras a abandonar a moda. (ALLENDE, 2010, 3)*

No caso masculino, a institucionalização de um “uniforme” de trabalho, o terno, constitui-se em um novo dado concernente ao mundo industrialista, sem espaço para babados e cores pastéis anteriormente em voga na indumentária do homem. O papel da ornamentação a partir daí foi conferido especialmente, na sociedade ocidental, às vestes femininas, que além do mais auxiliavam na exposição de um status social do marido. Dessa forma, pode-se inferir, também, que houve uma transformação da identidade de gênero, posto que, a partir de meados do século XIX, coincidindo com a II Revolução Industrial, a masculinidade passa a ser definida por cores sóbrias e cortes retos.

As vestes femininas são, para Emma Bovary, por exemplo, parte considerável da construção de sua personagem, denotando estados de espírito e sendo mesmo, muitas vezes, motivo de sua ruína. Não por acaso Gustave Flaubert apostou na roupa como uma maneira de melhor apresentar a sociedade que criticava e na qual sua heroína – ainda que com uma postura antitética – estava imersa. Emma, uma consumista desenfreada, muitas vezes aparece em função do traje que usa ou se significa em função dele. As roupas acabam, finalmente, por causar sua ruína financeira e revelar a sua marginalidade completa na sociedade em que vivia.

Honoré de Balzac, n’*As Ilusões Perdidas*, dá uma importância significativa às vestes de Lucien de Rubempré. O crescimento da personagem, aliás, dentro de sua escala social se dá, originalmente, em um primeiro momento, em função de “melhores” roupas com as quais se apresentará, sendo assim mais bem recebido pela sociedade da qual queria fazer parte.

Vê-se, então, que é na literatura, inicialmente, que haverá uma reflexão sistematizada sobre o caráter das roupas na sociedade moderna. Se os textos historiográficos mais percebiam apenas a classificação social através das roupas, é nos textos literários que aparece uma análise de perfis individuais e sociais em função do vestuário.

Além disso, se a roupa pode ser analisada como o é atualmente – como um discurso, uma narrativa – é porque se constitui em fonte ela mesma para análise sócio-

cultural de um momento dado, como uma espécie de museu portátil, já que o tecido, o corte, a origem, a finalidade e as cores, por exemplo, desempenhavam leituras possíveis de serem feitas como verdadeiros “rótulos” de determinado estilo de vida, classe ou pertencimento social. O livro de Peter Stallybrass, *Renaissance Clothing and the materials of memory* (2001) já apontava para as peças de vestuário do século XVI na Itália como testemunhos das relações humanas: seja pelo ofício que um mestre oferecia a seu aprendiz, seja pela herança proporcionada por uma veste ricamente adornada ou ainda, pela memória afetiva que essas mesmas roupas continham, de forma a apresentarem uma história própria.

Em publicação posterior, *O Casaco de Marx* (2008), o autor pontua como um item aparentemente inócuo, como o sobretudo do pensador alemão, causará alterações em sua rotina quando escrevia *O Capital*. Marx, ao ter de penhorar seu casaco ficava impedido de entrar na British Library, seu local de trabalho, e com isso não conseguia publicar nos jornais londrinos, o que, por conseguinte, deixava-o ainda mais desfavorecido monetariamente.

Ao mesmo tempo, no século XIX de Marx, fazia-se uma verdadeira revolução no traje masculino. O primeiro *dandy*, George (Beau) Brummell, além de ter sido um verdadeiro pioneiro da moderna indumentária masculina do século XIX, foi, ainda, uma inspiração para autores como o próprio Baudelaire e mais tarde, Oscar Wilde, esteta defensor do *dandismo* e da cultura das aparências como a mais verdadeira possível dentro da sociedade em questão. Com o estilo mais despojado que propôs Brummell, se deu ao homem inglês e posteriormente ao homem ocidental o aspecto mais próximo do discurso indumentário que ele detém até hoje, com a utilização da sobriedade de uma maneira inédita que homogeneizou a parcela masculina da sociedade inglesa da metade final do século XIX. Barbey D’Aurevilly escreveu contemporaneamente sobre o tema ao identificar Brummell como o modelo para o homem de sua época: sóbrio e determinado a fazer de sua aparência uma forma de vida.

A moda deixava, pois, de ser indumentária apenas para se converter em estilo de vida, com uma simbologia própria, o que seria reiterado mais tarde pelo psicólogo inglês J. C. Flügel, em seu tratado sobre aspectos afetivos e sociais das roupas, com trabalhos publicados a partir de 1928 nas sociedades de psicologia francesa e inglesa,

nos quais mostrava serem as roupas, também, além de protetoras, adornadoras e pudicícias; comunicantes entre os homens e mulheres e a sociedade em geral.

A escritora inglesa Virginia Woolf, na mesma época, versa sobre o papel das roupas em sua obra, principalmente no romance *Orlando*, de 1928, e em textos curtos, como o conto *O vestido novo*, de 1925. Mesmo no texto já convertido em clássico dos estudos feministas que escreveu em 1928, *Um teto todo seu*, a autora reflete sobre a diferença da indumentária na construção de identidades mais ou menos livres.

Em anos bastante subseqüentes, autores considerados “pós-modernos” como Jean Baudrillard, Pierre Bourdieu, Michel Maffesoli e Gilles Lipovetsky também deitaram sua atenção ao tema da moda em nossa sociedade de consumo como construtoras de identidades, seja pelo âmbito da cultura das aparências, seja pela institucionalização do consumo, ou pela ideia da efemeridade da moda – tal como já a postulava Baudelaire em meados do século XIX.

Embora a realidade dos Oitocentos na região do Rio da Prata seja bastante diferente da europeia, isso não significa que não seja possível sua análise a partir desse ponto de vista, até porque nossa matriz comportamental e cultural era o Velho Mundo. As revistas de Moda consumidas eram as francesas ou, no máximo, espanholas, que, por sua vez, copiavam as modas vindas de Paris. Mesmo na capital do Império Luso-Brasileiro, ainda não tropicalizado do ponto de vista indumentário, essa influência era completamente visível.

Além das pesquisadoras norte-americanas supracitadas, a socióloga buenairense Susana Saulquín, professora da Universidad de Buenos Aires, também se aventurou na seara do entendimento da sociedade argentina a partir de seu discurso indumentário. No livro *Historia de la Moda Argentina* (2006), a pesquisadora revela como a roupa foi fundamental naquela sociedade em formação e como a linguagem das roupas favoreceu a formação de grupos sociais específicos e de seus interesses respectivos.

Mesmo uma pesquisadora brasileira, a filósofa Gilda de Mello e Souza, debruçou-se sobre a questão em sua tese de doutoramento, defendida em 1949, na USP, sob orientação de Roger Bastide e publicada muitos anos mais tarde (1987) sob o título *O espírito das roupas – a moda no século XIX*, em que se utiliza da literatura brasileira e francesa e de fotos dos Oitocentos como representativos – a partir das roupas – de toda

uma época, uma espécie de *zeitgeist* dos trópicos, o que bem mais tarde faria, de alguma forma, Gilberto Freyre, em seu livro *Modos de homem, modas de mulher*.

### **E os do Sul?**

No caso do Rio Grande do Sul, entretanto, a questão da indumentária ainda é extremamente deslocada desse tipo de estudo. O que se encontra é: ou estudos que versam sobre a questão iconográfica da vestimenta do gaúcho, como o trabalho pioneiro da professora Vera Stédile Zattera, de Caxias do Sul; ou trabalhos ligados à reafirmação das “tradições” inventadas até certo ponto pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho, como é o caso do trabalho de Antonio Augusto Fagundes, intitulado *A indumentária gaúcha*, mas que deixa muito a desejar no quesito pesquisa e fundamentação teórica e historiográfica.

Como nossos trabalhos de pesquisa anteriores<sup>2</sup> já versavam sobre questões de cunho regional e sua identidade referentes ao Rio da Prata configurado como grande área de fronteira, não se pode deixar de pensar, uma vez mais, na região que agrega os costumes ditos “gaúchos”, dentro de uma história que no nosso embasamento historiográfico é comum, bem como de uma literatura com a mesma temática e costumes, comportamento e sociabilidades afins que por obra da construção de Estados nacionais beligerantes em seus limites políticos acaba por ser completamente cindida.

Sabe-se que para fins político-pedagógicos os historiadores do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul acabam por diferenciar os gaúchos em dois grupos em franca oposição: os luso-brasileiros, bons, pacíficos e destemidos e os castelhanos, por sua vez maus, selvagens e incivilizados.

Como em nosso entendimento essa cisão aparece descontextualizada e posterior ao período “de ouro” do gaúcho platino de maneira geral, não há conformidade literária e tampouco histórica nessa separação. Se pensarmos o gaúcho, então, como um representante de toda a região e seus caudilhos ou pares da mesma forma, é possível que se possa pensar a existência de uma comunidade platina comum, em que hábitos,

---

<sup>2</sup> Refiro-me aqui à minha dissertação de mestrado, defendida em 2000, com o título: *O Rio Grande de São Pedro entre o Império do Brasil e o Prata: a identidade regional e o Estado nacional (1851 – 1865)*, resultante de uma pesquisa que já havia começado anteriormente quando de minhas primeiras incursões a arquivos como bolsista de iniciação científica; e à minha tese de doutoramento, defendida em 2006, sob o título: *A tradução da tradição: gaúchos, guaxos e sombras. O regionalismo revisitado de Luiz Carlos Barbosa Lessa e de Ricardo Güiraldes*.

costumes e sociabilidades tenham um mesmo pertencimento intelectual ou mental. A história do poncho nos é comum, assim como os lenços branco e vermelho, além do anterior azul, utilizados na região do Prata como sinais de distinção partidária. Se hoje, quase todos os “gaúchos” sul-rio-grandenses que se pilcham o fazem tendo o lenço vermelho por bandeira, no passado isso nem sempre foi assim.

Além disso, não se pode esquecer que a grande metrópole dos anos 1800 é Buenos Aires. O Rio de Janeiro, como capital do Império, envia seus últimos gritos em termos de moda francesa que recebe, mas o grande referencial no Rio da Prata é a cosmopolita Buenos Aires, já uma cidade em franca ascensão industrialista, em que as modas se farão se sentir como forma de expressão social.

Ainda assim, as representações que se fazem dos habitantes do Rio da Prata dos Oitocentos são muito mais focalizadas nos aspectos rurais do que urbanos, embora se encontrem muitas representações dos homens e mulheres urbanos. Aparentemente, a dicotomia sarmienteana de civilização versus barbárie encontrava ecos na questão indumentária: o que se vestia no ambiente rural era muito mais aristocrático e europeu do que o que se vestia no campo, mas nem sempre.

O que finalmente diferenciava, em termos indumentários, homens e mulheres do campo e/ou da cidade? Havia trajes específicos?

Provavelmente sim, assim como queremos crer que boa parte da indumentária criada ou recriada no Rio da Prata, mesmo em suas capitais, não passasse apenas de cópias das modas europeias, mas que contivesse em si a reunião de estilos locais rearranjados. Desta forma, a moda traduziria também um “ser platino” em função de hábitos, costumes, tecidos, necessidades e aceitação social.

Jornais como *El Iniciador*, publicado em Montevideu nos anos 1838-39, é um bom exemplo de fonte a ser utilizada. O jornal se auto-intitulava: “*periodico de todo y para todos*” e em sua introdução ao primeiro número, os editores se propunham a:

*(...) conquistar la independencia inteligente de la Nación: su independencia civil, literaria, artística, industrial, porque las Leyes, la sociedad, la literatura, las artes, la industria, deben llevar como nuestra bandera los colores nacionales, y como ella ser el testimonio de nuestra independencia y nacionalidad.*”, entendendo “*que la sociedad americana, inteligente, republicana, plebeya, religiosa, no puede ser la sociedad vieja, ruda, esclava, fanática, del tiempo de las colonias [...]*” (EL INICIADOR, 1838)

Também o jornal “La Moda Elegante”, publicado em Madrid durante parte do século XIX, era uma das grandes referências, não apenas de moda, mas de estilo de vida e de direcionamentos de sociabilidades no Rio da Prata dos Oitocentos, sendo lido nos dois países de língua espanhola em questão.

No caso do Rio Grande do Sul, os jornais mais interessantes de serem analisados são os exemplares disponíveis no Museu de Comunicação Hipólito Jose de Costa, como o primeiro jornal do Rio Grande do Sul, *O Diário de Porto Alegre*, *A Federação*, *O Pelotense* e *A Ventarola*, publicados em Pelotas, *O Echo do Sul* e *O Diabrete*, de Rio Grande, *O Fígaro*, *A Sentinella do Sul*, *O Século* e o *Correio do Povo*, de Porto Alegre.

Em relação à literatura do rio-grandense, destacam-se os autores do *Partenon Literário* que após 1870 passaram a escrever sobre o Rio Grande do Sul e seus habitantes. No caso da Argentina, existem autores como Estanislao del Campo, Esteban Echeverria, Sarmiento e Jose Hernández, que refletem sobre o argentino e o *gaucho*, nos ambientes urbano e rural, havendo ainda em *Fausto*, obra principal de del Campo (1866), uma apropriação da ópera de Charles Gounod. A reflexão sobre o *gaucho* assistindo a ópera que fala de si próprio tem relação direta com o uso de uma indumentária que o tira do ambiente rural e, portanto, causa o embate entre dois mundos “opostos” entre si no imaginário platense.

O caso uruguaio, em boa parte, surpreende mais que os anteriormente citados, com a existência de uma figura de proa, como Josefina Lerena Acevedo Blixen, que publica ainda no século XIX escritos sobre a mulher e a condição feminina de sua época. Ainda no Uruguai, a figura de um escritor como Horacio Quiroga aparece como fundamental na escrita sobre as mulheres contemporâneas a si, prefigurando mesmo a reflexão de um autor como Juan Carlos Onetti, que se dedica à construção das identidades femininas, notadamente a figura da “mãe gorda” e das adolescentes perversas, por exemplo.

Portanto, dentro de um espectro bastante amplo de fontes dos três países, se quer perceber de que maneira essa grande comunidade fronteiriça apresenta um conjunto ético e estético no que tange a indumentária. Há uma unidade identitária nas vestes de homens e mulheres platinos dos XIX? De que maneira a identidade através das roupas apresenta a realidade de seu entorno? Há, no caso platino, um espírito das roupas que se coadune a uma identidade com fins políticos?

## **Itinerários**

Desta forma, aqui se propõe que a comunidade platina descrita pela história e pela literatura seja unida em suas representações não apenas textuais, mas também iconográficas, em obras já conhecidas ou não tanto, a partir de um novo viés: o do discurso indumentário. A roupa deixa de ser apenas ornamento ou adorno e/ou proteção: ela tem um caráter próprio, expressão de uma época, de uma classe, de um segmento político, de uma região; ela mesma se configura em discurso dotado de sentido intrínseco.

Se aceitarmos o pressuposto dos teóricos anteriormente citados, tomamos como verdadeiro que:

- a roupa distingue socialmente e remete a uma classe social;
- a roupa determina a origem da pessoa que a usa;
- a roupa (bem como acessórios e cortes de cabelo ou barba e bigode) pode determinar uma posição política;
- a roupa denota o “espírito de um tempo”;
- a roupa denota uma função social (profissão ou ocupação)
- a roupa identifica um gênero.

Queremos crer que a roupa, então, identifica socialmente e comunica múltiplos valores. No campo ou na cidade, nos diversos afazeres e/ou profissões, a roupa vem acompanhada de uma carga simbólica que torna possível, até certo ponto, a decifração de quem a usa como sujeito social atuante.

O habitante do Rio da Prata dos Oitocentos permite, em nossa reflexão atual, a percepção de identidades múltiplas referenciadas pela indumentária. Que identidades e que discursos indumentários são esses é o que nos interessa ver em nosso projeto e ainda, de que maneira se diferencia esse ser platino e como aparece em imagens ou descrito em textos.

Existe uma questão crucial: se hoje a bombacha é tida como traje “oficial” no caso do Rio Grande do Sul se sabe de antemão que esse tipo de vestimenta é posterior na região à Guerra do Paraguai, momento em que teria sido introduzida na região, em virtude do contato do exército inglês com as vestes dos cavaleiros orientais quando da Guerra da Criméia.

Até que ponto então, percebe-se que a literatura e a historiografia sacramentaram usos e costumes que não são referidos historicamente? Até que ponto trajes “tradicionais” de fato são apresentados na iconografia e na literatura de época?

Mesmo hoje determinadas regiões argentinas reiteram a utilização de uma indumentária híbrida, muito peculiar, entre usos indígenas, como o poncho e os bordados andaluzes.

Desta forma, este estudo pretende ver também, como a indumentária foi reabilitada ou re-visitada como forma de construção identitária contemporânea e/ou posterior a seu uso, demonstrando que, como o habitante do Prata, a roupa que o identifica, que o reveste e o traduz em imagens é híbrida como sua própria identidade cultural. A roupa, portanto, é uma das formas de tradução dessa identidade regional e de negociação possível com um espaço onde intervêm diversas forças políticas.

Dentro de um panorama que prevê o estudo conjunto e comparativo de fontes históricas e literárias no projeto maior a que nos filiamos como pesquisadora associada propomos ampliar o horizonte de nossos arquivos, com a inclusão de material iconográfico e mesmo jornalístico a ser pesquisado nos acervos a que nos referimos e em outros a serem posteriormente citados. Imagens como capas de livros publicados nos Oitocentos, fotos em revistas, jornais ou similares, retratos de família ou de cenas na cidade e no campo, ajudarão a compor esse grande mosaico de fontes a que nos propomos pesquisar – fontes essas ainda em fase de avaliação quanto à autoria e ao seu alcance.

### **Bibliografia de Apoio**

ACEVEDO DÍAZ, Eduardo. Pátria Uruguaia. Antologia. Seleção, tradução e notas de Aldyr García Schlee. Porto Alegre: Instituto Estadual do livro, 1997.

ALLENDE, Isabel. La Casa de los Espíritos. Barcelona: Planeta, 2010.

ASSUNÇÃO, Fernando O. Historia del Gaucho. El Gaucho: ser y quehacer. Buenos Aires: Claridad, 1999.

BARNARD, Malcolm. Moda e Comunicação. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BARTHES, Roland. Inéditos vol. 3 – imagem e moda. São Paulo: Martins Fontes, 2005.  
\_\_\_\_\_. O sistema da Moda. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BAUDELAIRE, Charles. O Pintor da Vida Moderna. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

- BAUDELAIRE, BALZAC & D'AUREVILLLY. Manual do Dândi. A vida com estilo. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. Identidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BETHELL, Leslie (org.). História da América Latina. Da Independência até 1870. Vol. III. São Paulo: EDUSP, Imprensa Oficial do Estado; Brasília: FUNAG, 2001.
- BERNARDI, Francisco. As bases da literatura Rio-Grandense. História, autores e textos. Porto Alegre: AGE, 1999.
- BOUCHER, François. Histoire du Costume em Occident. Paris: Flammarion, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. O costureiro e sua grife. In: A produção da crença. Contribuição para uma economia dos bens simbólicos. Porto Alegre: Zouk, 2008.
- CALANCA, Daniela. História Social da Moda. São Paulo: Editora SENAC-SP, 2008.
- CARNEIRO, Newton Luis. A identidade inacabada. O regionalismo político no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- CASTILHO, Kathia & MARTINS, Marcelo M.. Discursos da Moda – semiótica, design e corpo. São Paulo: Anhembi-Morumbi, 2008.
- CHAVES, Flavio L. Simões Lopes Neto: regionalismo & literatura. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- CHIAPPINI, Ligia; MARTINS, Maria Helena; PESAVENTO, Sandra. Pampa e cultura. De Fierro a Netto. Porto Alegre: UFRGS/IEL, 2004.
- CONI, Emilio A. C.. El Gaucho. Argentina - Brasil – Uruguay. Buenos Aires: Ediciones Solar, 1986.
- CRANE, Diana. A moda e seu papel social. Classe, gênero e identidade das roupas. São Paulo: Editora SENAC, 2006.
- EGUIGUREN & VEGA. El Poncho. Buenos Aires: do autor, 2002.
- ELIAS, Norbert. A Sociedade de Corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- FAGUNDES, Antonio A. Indumentária gaúcha. Porto Alegre: Martins livreiro Editor, 2001.
- FIGUEIREDO, Joana. A tradução da tradição: gaúchos, guaxos e sombras. O regionalismo revisitado de Luiz Carlos Barbosa Lessa e de Ricardo Güiraldes. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2006.
- \_\_\_\_\_. O Rio Grande de São Pedro entre o Império do Brasil e o Prata: a identidade regional e o Estado nacional (1851 – 1865). Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- \_\_\_\_\_. A roupa e o gênero: uma leitura de Orlando e Quim/Quima de Virginia Woolf e Maria Aurélia Capmany. IARA - Revista de Moda, Cultura e Arte, v. 2, p. 2, 2010.
- \_\_\_\_\_. Por uma filosofia - da moda. Zero Hora, Porto Alegre, p. 3 - 3, 25 set. 2010.
- \_\_\_\_\_. Teoria da Moda pra quê?. Zero Hora, Porto Alegre, p. 6 - 6, 22 maio 2010.

- \_\_\_\_\_; NORONHA, Renata Fratton. . Do Pampa à passarela. In: IV Colóquio Nacional de Moda, 2008, Novo Hamburgo. Anais do IV Colóquio Nacional de Moda, 2008.
- FISCHER, Luís Augusto. Literatura Gaúcha. Porto Alegre: Editora Leitura XXI, 2004.
- FLÜGEL, J. C. A Psicologia das Roupas. São Paulo: Mestre Jou, 1966.
- FREYRE, Gilberto. Modos de homem & modas de mulher. São Paulo: Global, 2009.
- GARCÍA, Fernando Cacciatore de. Fronteira iluminada. História do povoamento, conquista e limites do Rio Grande do Sul a partir do tratado de Tordesilhas. 1420 – 1920. Porto Alegre: Editora sulina, 2010.
- HERNÁNDEZ, José. Martín Fierro. Edición crítica. Madrid; Barcelona; La Habana; Lisboa; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima; Guatemala; San José; Caracas: ALLCA XX, 2001.
- JOZEF, Bella. História da Literatura Hispano-Americana. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Francisco Alves Editora, 2005.
- GOLIN, Tau. A Fronteira. Governos e movimentos espontâneos na fixação dos limites do Brasil com o Uruguai e a Argentina. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- LESSA, Luiz Carlos Barbosa. Rodeio dos ventos. Porto Alegre: Globo, 1978.
- MASOTTA, Carlos. Gauchos en las primeras postales argentinas del siglo XX. Buenos Aires: Lamarca Editora, 2008.
- NAVARRI, Pascale. Moda e Inconsciente. São Paulo: Editora SENAC-SP, 2010.
- RACINET, Auguste. The Costume History. Taschen do Brasil, 2009.
- REVERBEL, Carlos. O Gaúcho. Aspectos de sua formação no Rio Grande e no Rio da Prata. Porto Alegre: L&PM, 1986.
- RODRIGUES, Mariana Christina de Faria Tavares. Mancebos e mocinhas. Moda na Literatura Brasileira do século XIX. São Paulo: Estação das Letras e das Cores, 2010.
- ROOT, Regina A. Couture and Consensus. Fashion and politics in Postcolonial Argentina. Chicago: University of Minnesota Press, 2010.
- \_\_\_\_\_. Modelando a nação: escritos de moda na Argentina do século Dezenove. In: FASHION THEORY. A revista da Moda, Corpo e Cultura. Edição brasileira. Vol. 1, número 1. São Paulo: Editora Anhembi-Morumbi, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Searching for the Oasis in Life: Fashion and the Question of Female Emancipation in Late Nineteenth-Century Argentina* The Americas - Volume 60, Number 3, January 2004, pp. 363-390.
- SALOMON, Geanetti Tavares. Moda e Ironia em Dom Casmurro. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2010.
- SANTI, Álvaro. Do Partenon à Califórnia. O Nativismo gaúcho e suas origens. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2004.
- SARMIENTO, Domingo Faustino. Facundo. Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS/EDIPUCRS, 1996.

SAULQUIN, Susana. Historia de la moda argentina. Del miriñaque al diseño de autor. Buenos Aires: Emecé, 2006.

SOUZA, Gilda de Mello e. O espírito das roupas. A moda no século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SVENDSEN, Lars. Moda – uma filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

TRES POEMAS GAUCHESCOS. Estanilao del Campo, Antonio D. Lussich, José Hernández. Buenos Aires: Clarín, 2001.

ZATTERA, Vera Stédile. Gaúcho. Iconografia - séculos XIX e XX. Rio Grande do Sul. Uruguai. Argentina. Caxias do Sul: Editora da UCS, 1997.

ZILBERMAN, Regina. Roteiro de uma literatura singular. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.